

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

MSc. Patrícia Regina de Moraes (FPbe/UNISEPE)¹

MSc. Indira Coelho de Souza (FPbe/UNISEPE)²

MSc. Denise Almada de Oliveira Pinto (FPbe/UNISEPE)³

MSc. Sebastião José Estevam (FPbe/UNISEPE)⁴

MSc. Wanderley Adaid Munhoz (FPbe/UNISEPE)⁵

RESUMO

O artigo teve como objetivo discorrer acerca da Teoria das Representações Sociais, explicitando sua origem e funções, definindo o que é ancoragem, objetivação, universo consensual e reificado, segundo os conceitos elaborados pelo psicólogo social Serge Moscovici que define as representações sociais como o conjunto de explicações, pensamentos e ideias que nos possibilita evocar um dado, um acontecimento, uma pessoa ou mesmo um objeto, configurando sistemas de valores e práticas que têm vida própria.

Palavras-chave: Representações sociais; ancoragem; universo consensual.

ABSTRACT

The article had as objective to discourse concerning the Theory of the Social Representations, showing its origin and functions, defining what it is anchorage, objective, universe consensual and reification, according to concepts elaborated for the social psychologist Serge Moscovici that defines the social representations as the set of explanations, thoughts and ideas that in makes possible them to evoke data, an event, a same person or an object, configuring practical systems of values and that they have proper life.

Word-key: Social representations; anchorage; universe consensual.

¹ Pós-graduada em Direito do Trabalho e Mestre em Educação. Professora da Faculdade Peruíbe.

² Mestre em Administração. Coordenadora do Curso de Administração da Faculdade Peruíbe.

³ Mestre em Educação. Professora da Faculdade Peruíbe.

⁴ Mestre em Educação. Professor da Faculdade Peruíbe.

⁵ Mestre em Administração. Professor da Faculdade Peruíbe.

Introdução

As representações sociais são o conjunto de explicações, crenças e ideias comuns a um determinado grupo de indivíduos; resultam de uma interação social, sem perder de vista, contudo, a questão da individualidade.

Uma das finalidades das representações sociais é tornar familiar algo até então desconhecido, com a possibilidade de classificarmos e dar nome a novos acontecimentos e ideias, assimilando esses fenômenos a partir de uma gama de ideias, valores e teorias que já existem e são aceitas no meio social.

Serge Moscovici desenvolveu o conceito de Representação Social, conceito este aplicável não só à Psicanálise, mas a todas as outras áreas do conhecimento. Em sua obra, o autor redefine os problemas e os conceitos da psicologia social a partir do fenômeno das representações sociais, insistindo sobre sua representação simbólica e seu poder de construir o “real”.

Denise Jodelet (2005) é uma importante autora que igualmente discute e analisa a construção de representações sociais, demonstrando que essas representações estão entre nós e que os efeitos simbólicos do cotidiano, em que se manifestam os saberes e as práticas dos sujeitos, demanda uma compreensão de que o registro simbólico expressa não apenas um saber sobre a realidade, mas também sobre as identidades, as tradições e as culturas que dão forma a um modo de viver. Para Jodelet, entre os ideais que norteiam a busca pela mudança, e a realidade dura da prática, há uma lacuna não pensada.

Formação das representações sociais

A Teoria das Representações Sociais se revela como uma ótima via para aferir o pensamento e os registros simbólicos do grupo que se dispõe a pesquisar. No entanto, primeiro é necessário compreender e aprofundar-se no seu estudo.

O que exatamente são representações sociais? Pois bem, explicitando de forma bastante sucinta, são o conjunto de explicações, pensamentos e ideias que nos possibilita evocar um dado, um acontecimento, uma pessoa ou mesmo um objeto. Configuram sistemas de valores e práticas que têm vida própria; são prescritivas, pois surgem no meio social, depois se esvaem, reaparecendo sob a forma de novas representações, em um processo que

não tem fim. Essas representações resultam da própria interação social, sendo comuns a um grupo social, em determinado tempo e espaço, ou seja, em determinado contexto.

A Teoria das Representações Sociais está intimamente relacionada com o estudo dos registros simbólicos sociais; tanto em nível macro como em micro análise. Em outras palavras, dizem respeito ao estudo das trocas simbólicas desenvolvidas nos ambientes sociais, nas relações interpessoais, influenciando na construção do conhecimento que é compartilhado.

Um dos objetivos primordiais das representações sociais é tornar familiar algo até então desconhecido, possibilitando a classificação, categorização e nomeação de ideias e acontecimentos inéditos, com os quais não havíamos ainda nos deparado. Tal processo permite a compreensão, manipulação e interiorização do novo, juntando-o a valores, ideias e teorias já assimiladas, preexistentes e aceitas pela sociedade. É possível encontrar o hiato entre o que se sabe e o que existe, a diferença que separa a proliferação do imaginário e o rigor do simbólico. (Moscovici, 1978, p.67)

Dessa forma, a Teoria das Representações Sociais é uma opção para descrição e explicação dos fenômenos sociais, pois reproduzem pensamentos e comportamentos comuns a um grupo de indivíduos.

Saliente-se que as representações sociais são dinâmicas, mudando de tempos em tempos, pois há a liberdade da qual se vale a linguagem para projetá-la em um espaço simbólico e arrastá-la para associações diversas. Moscovici (1978, p.26-27) complementa:

No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (...) elas possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta (...) é alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado.

Dessa forma, a representação social torna o conceito e a percepção, de certo modo, intercambiáveis:

Um de seus aspectos, o perceptivo, implica a presença do objeto, o outro, o espírito conceptual, a sua ausência. (...) a representação mantém essa oposição e desenvolve-se a partir dela (...). Nisso reside o poder criador das representações sociais: partindo de certo repertório de saberes e experiências ela pode deslocá-los, associá-los, ou mesmo integrá-los num momento e desintegrá-los em outro.
(p. 57)

Em relação ao conceito, ela detém o poder de unir, organizar e filtrar o que vai ser reapreendido no domínio sensorial. Da percepção, ela conserva a aptidão para entender e registrar o inorganizado e o descontínuo, demonstrando que sempre haverá alguma coisa ausente que se adiciona e alguma coisa já presente que se altera, modificando-se com o passar do tempo.

Moscovici (1978, p. 44) afirma que “a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto, em seus alicerces e em suas consequências”. Ocorre a transformação de um conhecimento indireto em conhecimento direto; esse é o único meio, segundo Moscovici, de nos apropriarmos do universo exterior.

Contudo, é um erro concluir que as representações sociais se resumem em meras opiniões, mitos, pareceres etc., pois são conhecimentos desenvolvidos pelo grupo e que se cristalizaram ao longo do tempo; é a construção social da realidade, que emana da sociedade e para ela volta.

Importante explicitar que o conhecimento se consolida no tempo, porém, não estagnado, mutável, em que novos conhecimentos vão sendo gerados; o desconhecido se torna familiar, em um sistema de trocas possibilitado pela linguagem, no “mundo da conversação”, manifestando formas de pensar permeadas pelo universo sociocultural e histórico desses sujeitos, “enriquecendo a tessitura do que é, para cada um de nós, a realidade” (Moscovici, 1978, p.51).

Mas o ser humano não é simplesmente um portador de informações, ideologias ou crenças. Seus saberes determinam a sua forma de viver e influir na sociedade, ao mesmo tempo em que o meio em que vive denota uma realidade social que possibilitou o modo de pensar coletivo.

No entanto, é preciso observar que as representações sociais nem sempre conformam a realidade e, portanto, seria imaturo tomá-las como verdades científicas, pois reduziríamos a realidade aos conceitos e verdades que os atores sociais fazem dela.

Nesse sentido, as representações sociais são consideradas por Moscovici, ao mesmo tempo, ilusórias, contraditórias e *verdadeiras*, e entendidas, por ele, como ponto de partida para se analisar as ações sociais, como também, para a ação pedagógica, pois retratam uma possível realidade das pessoas que as representam.

Os indivíduos estabelecem formas de pensar e explicar os fatos, os objetos etc., criando teorias, produzindo conhecimentos, elaborando os temas que fazem parte do universo de cada um e de todos, interpretando a realidade segundo a sua perspectiva e suas

experiências. Por meio do conhecimento cotidiano, do senso comum, os homens veiculam e compartilham ideias, pensamentos, dando nova forma ao conhecimento científico. Essas interpretações se manifestam por meio de falas, gestos e comportamentos.

A questão não é ser coletivo ou social, mas sim a busca pela compreensão da nossa essência e a implicação do nosso modo de pensar. Nesse sentido, Marília Claret Geraes Duran (2006, p. 40), ensina que:

A orientação sociológica de Moscovici foi consistentemente orientada para questões de como as coisas mudam na sociedade, isto é, para aqueles processos sociais, pelos quais a novidade e a mudança, como a conservação e a preservação, se tornam parte da vida social. Ele estava interessado na transformação do senso comum, como claramente evidencia em seu estudo das Representações Sociais da Psicanálise.

É necessário dar voz às nossas ideias primeiras, àquelas que nos constituem como seres psicossociais, guardadas na memória coletiva que nos une por gerações. Para Moscovici, o senso comum necessita ser revigorado porque revela nosso modo de pensar e agir, suas implicações locais e globais, justamente porque se apropria do conhecimento científico e o torna comum, o reinterpreta. Não é possível considerar somente o pensamento científico como legítimo.

Por conta disso, podemos afirmar que o senso comum, com sua inocência, suas técnicas, suas ilusões, seus arquétipos e estratégias, é que fornece à ciência e à filosofia os substratos que fundamentam suas conclusões após serem destrinchados. Essa seria, pois, a ordem correta de aplicação.

No entanto, essa ordem foi invertida, ou seja, as ciências é que passaram a inventar e propor a maior parte dos objetos, conceitos, analogias, formas lógicas etc., que são impostos à sociedade. Com isso, desistimos de tentar exercer o domínio sobre a maioria dos conhecimentos que nos afetam e pressupomos que um grupo de cientistas é que devem obtê-los e fornecê-los para nós, como se pensássemos e víssemos “por procuração”. (Moscovici, 1978, p.20-21)

Assim, o grande desafio que se impõe na modernidade é conciliar fé e razão, intuição e experiência, heterogeneidade e homogeneidade, bem como compreender as representações sociais não como uma distorção de pensamento, mas sim como uma forma híbrida de pensar em grupo e de apreender o novo social.

A Teoria das Representações Sociais é a única teoria capaz de apreender aspectos tão sutis da racionalidade humana e das relações sociais, levando-nos a compreender os fenômenos que acontecem em nosso meio.

Origem da Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais desenvolvida pelo sociólogo Serge Moscovici teve sua origem na França, na década de 1960, e culminou na publicação de sua obra “A Psicanálise, sua imagem e seu público”, em 1961. Psicólogo social romeno, naturalizado francês, Moscovici nasceu em 1928 no seio de uma família judia e vivenciou os horrores da Segunda Guerra Mundial, sofrendo, inclusive, discriminação antissemita. Estudou Psicologia na França, em 1948, investigando e divulgando a psicanálise; lecionou em universidades de renome e atualmente dirige o Laboratório Europeu de Psicologia, em Paris. Em 2003, recebeu o Prêmio Balzan⁶.

Moscovici foi o pioneiro nos estudos das representações sociais, como teoria do senso comum, porém se recusou, inicialmente, a apresentar um conceito da teoria, já que para ele não era possível determinar previamente como sua pesquisa iria evoluir. Com efeito, não quis fechar um conceito de representações sociais justamente para que este se desenvolvesse com sua pesquisa e que pudesse ter amplitude. Isso porque, para Moscovici, “a realidade das representações sociais é fácil de apreender, não o é o conceito”.

Podemos dizer que as representações sociais são verdadeiras “teorias do senso comum”, “ciências coletivas *sui generis*”, pelas quais se constrói uma realidade social. Essas representações sociais se comunicam entre si; são dinâmicas e refletem um determinado modo de compreender o mundo e de ver a vida.

É na sociologia e na antropologia que estão as raízes da Teoria das representações sociais, especialmente nos autores Durkheim e Levi-Bruhl, no conceito de representação coletiva, usado como base para elaborar teorias sobre religião, magia e pensamento místico. Além desses autores, também contribuíram à Teoria das Representações Sociais, Saussure,

⁶O Prêmio Balzan é concedido anualmente desde 1961 pela "Fondazione Internazionale Premio Balzan". A Fundação Internacional Balzán, com sede em Milão e Zurique, busca todos os anos destacar áreas emergentes de pesquisa. A cada ano, o prêmio é concedido a diferentes áreas.

com a Teoria da Linguagem, Piaget, com a Teoria das Representações Sociais Infantis, e Vigotski, com a Teoria do Desenvolvimento Cultural (Moscovici, 1994), dentre outros.

Segundo Arruda (2002, p.131), a opressão nazista sofrida por Moscovici durante a Segunda Guerra Mundial levou o sociólogo aos seguintes questionamentos: Por que a fé remove montanhas? Como é possível que os homens se mobilizem a partir de algo que aparentemente supera a razão? Como é possível que sejam os conhecimentos práticos a base para que vivam suas vidas?

Sua obra teórica se organizou em torno da busca de respostas a esses questionamentos. Para Moscovici, “a realidade é socialmente construída e o saber é uma construção do sujeito, mas não desligada da sua inscrição social” (Arruda, 2002, p.131). E é importante ressaltar que a expressão “representações sociais” engloba as reflexões de Durkheim.

Embora Moscovici tenha se inspirado nessas reflexões, suas perspectivas teóricas são distintas, já que seu interesse recaiu sobre as representações da nossa sociedade atual, do nosso solo político, científico e humano, que de alguma forma não tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornasse imutáveis.

O pensamento de Moscovici difere do entendimento de Durkheim no sentido de que acredita que as relações entre sociedade e cultura são interdependentes e contraditórias e não estáticas, como defendia Durkheim. Corroborando esse entendimento, DURAN (2006, p. 41), menciona que:

(...) enquanto Durkheim vê as Representações Sociais como formas estáveis de compreensão coletiva, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das idéias coletivas nas sociedades modernas.

Assim, todo conhecimento pressupõe uma prática e um contexto que lhe são próprios. Cada indivíduo é um sábio amador, um conhecedor, e parte de observações e testemunhos que se acumulam para exprimir o que pensa.

Ora, possuímos a liberdade da imaginação e o desejo de dar sentido aos fatos e às coisas. No entanto, há conceitos sem percepções, percepções sem conceitos, palavras sem conteúdo e conteúdos sem palavra. Nesse sentido, essas figuras buscam-se, deslocam-se e permutam-se na sociedade de forma dinâmica (Moscovici, 1978, p.60). É daí que resultam as representações sociais.

No entanto, é preciso compreender como se desenvolvem e afloram as representações sociais. A esse processo, Moscovici dá o nome de “Objetivação” e “Ancoragem”, mecanismos que serão explicitados no próximo subitem deste trabalho.

Objetivação e Ancoragem

Conforme ensina Moscovici, o processo em que aquilo que é desconhecido e estranho se torna familiar, se desenvolve em um duplo mecanismo, de natureza psicológica e social: o da objetivação e o da ancoragem, que tem por finalidade “destacar uma figura e, ao mesmo tempo, carregá-la de um sentido, inscrever o objeto em nosso universo” (Mazzoti, 1994, p.63).

A objetivação é o momento em que o abstrato se transforma em concreto, cristalizando as ideias e tornando-as objetivas, ao que Moscovici denomina “face figurativa”. Tal processo permite trazer aquilo que até então inexistia para o universo do conhecido. Esse mecanismo de objetivação ocorre em três fases distintas, conforme apresentado por Jodelet (Apud Sá, 1995). São elas:

- seleção e contextualização: os indivíduos se apropriam do conhecimento por conta de critérios culturais; a partir de experiências e conhecimentos que esse grupo já possui ocorre uma construção seletiva da realidade, porém em uma sociedade nem todos têm acesso às informações, ou ainda podem diferenciar quanto à compreensão das mesmas;
- formação de um núcleo figurativo: o indivíduo recorre a informações e dados que já possui para compreender aquilo que é novo;
- naturalização dos elementos do núcleo figurativo: a partir desse momento, o abstrato se torna concreto, quase que palpável. O conceito está cristalizado e passa a ser considerado como elemento da própria realidade.

Já a ancoragem diz respeito ao processo pelo qual a ideia é trazida para o contexto do familiar, que a inclui na categoria de “imagem comum”. Nesse momento, é dado nome àquilo

que não tinha nome, sendo possível imaginá-lo e representá-lo; ocorre a assimilação de imagens dadas pela objetivação, com a sedimentação de um registro simbólico.

Assim, a ancoragem é um processo de familiarização do novo, transformando-o em um conhecimento hábil a influenciar outras pessoas, revelando-se como uma verdade para certo grupo. Como ensina Moscovici:

Pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo. De fato, a representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. (2003, p. 62)

Esse processo envolve um juízo de valores; aquilo que era desconhecido passa a integrar aquilo que se conhece e é a ele adicionado, acrescido, possibilitando a sua classificação e categorização gerando uma cadeia de significações, em que “o antigo e o atual são confrontados” (Jovchelovitch, 2003, p.41). Para Moscovici:

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem, nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. (1978, p. 35)

É importante ressaltar, contudo, que a objetivação e a ancoragem não ocorrem em momentos distintos; na verdade, desenvolvem-se concomitantemente, interrelacionam-se e dão sentido à representação social. Nesse sentido, Moscovici menciona que:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro; está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (2003, p. 78)

Ora, essa representação é influenciada pelo meio no qual se cristalizou, ao mesmo tempo que também o influencia, porque passa a fazer parte do conhecido, do ponto de partida, possibilitando uma nova interpretação da realidade, ou visão do mundo. Abric (2000, p.28)

menciona que “a representação é um guia para as ações sociais”. Jodelet⁷ (2005, p.315) afirma que:

[...] cada vez que exprimimos uma ideia, uma concepção, uma adesão, dizemos algo de nós mesmos. Aderir a uma representação é particular de um grupo, de uma ligação social, mas também expressa algo de sua identidade que pode ter um efeito sobre a construção do objeto.

Importante frisar, contudo, que na Teoria das Representações Sociais a realidade é dividida entre universo consensual e universo reificado, os quais serão explicitados a seguir.

Universos Consensuais e Universos Reificados

Os sistemas de pensamento formaram duas classes diferentes de universos, denominados por Moscovici de “Universos Consensuais” e “Universos Reificados”. Os universos consensuais expressam as atividades relacionadas ao senso comum e suas teorias para responder aos problemas que se impõem, em que os indivíduos elaboram sua construção do real a partir do meio onde vivem, explicando as coisas sem ser necessariamente um cientista ou especialista; nesse universo eclodem as representações sociais.

Nos universos reificados, diferentemente, se manifestam os saberes e conhecimentos científicos, com objetividade e rigor lógico e metodológico. Porém, ambos os universos se inter-relacionam, dando forma à nossa realidade.

Assim, através das ciências compreendemos o universo reificado; já as representações sociais se referem ao universo consensual e são criadas pelos processos de ancoragem e objetivação, circulando em nosso cotidiano.

A socialização possibilita interpretações acerca das vivências, tornando-as comuns a um grupo social. Os conhecimentos científicos são moldados a um determinado contexto social e ganham nova roupagem, com significação própria.

⁷ Jodelet é considerada uma das principais colaboradoras de Moscovici, pois sistematizou o campo teórico das representações sociais e analisou a evolução dos seus conceitos até os nossos dias, destacando sua complexidade, vitalidade e transversalidade no campo das ciências humanas (Mazzotti, 1994, p. 65).

Moscovici (2001, p.17) afirma que “a representação toma o lugar da ciência e, por outro, a constitui (ou reconstitui) a partir das relações sociais envolvidas”. Assim, a ciência passa a fazer parte da crença dos indivíduos, se tornando elemento da própria cultura; o conhecimento científico é transformado em conhecimento comum. Nesse sentido, Boaventura Souza Santos (2006, p.31) explica que é necessário “o reconhecimento crescente do caráter parcial do conhecimento científico e da necessidade de procurar diálogos entre ele e conhecimentos não científicos”, ao que ele denomina “Ecologia dos Saberes”, sendo determinante para a evolução humana.

Moscovici (1978, p.67-69) defende que cada universo possui três dimensões distintas: a atitude, a informação e o campo de representação ou a imagem. A informação – dimensão ou conceito – diz respeito à organização dos conhecimentos que um grupo possui acerca de um objeto. A dimensão “campo de representação” nos remete à ideia de imagem, modelo, a um aspecto preciso do objeto social.

A atitude consegue destacar a orientação global em relação ao objeto da representação social, que ocorre quando o indivíduo representa algo unicamente após ter adotado uma posição, e em função da posição tomada.

Funções das Representações Sociais

As representações sociais são de suma importância para as práticas sociais, pois contribuem e influenciam a construção da própria realidade; sustentam as práticas do grupo social estudado.

As representações que se formam na sociedade, têm repercussão direta em seu comportamento, atitudes e modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimentos que informam e orientam os membros de um grupo social, em determinado tempo e espaço. (Moscovici, 2003, p.53-54)

Ialago (2007, p. 26), ao discutir o tema em sua Dissertação de Mestrado, afirma que as representações sociais são determinantes para “compreender e balizar o mundo”, e que:

Não se pode ignorar, porém, que esse sujeito está mergulhado em uma cultura, em um momento histórico, social, político e econômico. As representações sociais tem um papel preponderante na mediação entre o individual e o social, cumprindo importantes funções.

Nesse sentido, Abric (2000, p.28), identifica quatro funções essenciais das representações sociais:

- 1) Função de saber: ela nos permite compreender a realidade, facilitando a comunicação; “definem o quadro de referência comum que permite as trocas sociais, a transmissão e a difusão do saber ‘ingênuo’”;
- 2) Função identitária: possibilita a proteção da especificidade dos grupos, definindo a identidade e exercendo papel de suma importância no controle social;
- 3) Função de orientação: direciona os comportamentos, as práticas sociais, adequando-os às várias situações. Opera como seleção e filtro de informações;
- 4) Função justificadora: possibilita, posteriormente, explicar e justificar as condutas e tomadas de decisão dos atores.

Importante ressaltar ainda que a representação social possui um núcleo central, mais resistente às mudanças ou interferências, porque ligado à história do indivíduo ou grupo, que assegura, conforme Abric (2000, p.31), a significação, a consistência e a permanência da representação. Além do elemento central, há ainda em uma representação os elementos periféricos que são mais flexíveis e condicionam as representações individualizadas (p.33). A associação desses elementos possibilita a ancoragem da realidade.

Assim, uma representação é ao mesmo tempo estável e móvel em determinados aspectos, caracterizando um sistema central e um periférico. O sistema central determina a organização e gera o significado de uma representação, ao passo que o sistema periférico permite a adaptação à realidade concreta e a diferenciação de conteúdo.

Considerações Finais

A Teoria das Representações Sociais, como guia teórico de análise, confere elevado potencial interpretativo ao objeto de estudo, possibilitando a elucidação dos sistemas de significação que são produzidos e partilhados por um grupo.

Conforme a sociedade vai se desenvolvendo, deve, pois, se adaptar às novas exigências de sua realidade, onde os indivíduos devem ter consciência do contexto social no qual estão inseridos.

As representações sociais expressam os significados de diversas questões relacionadas à realidade vivenciada por um determinado grupo de pessoas. Mas, como diria Reale (2000, p.115), “o que conhecemos do mundo real? Conhecemos as coisas como elas são, e elas são em si como a conhecemos?”.

Ora, para Reale (2000, p.115) o conhecimento é sempre uma relação ou um laço entre o sujeito que conhece e “algo” conhecido que denominamos “objeto”. O sujeito e o objeto são os termos ou os elementos essenciais de todo conhecimento. Pelo intelecto, os elementos sensoriais são ordenados e deles se extraem os conceitos:

Contudo, o homem imprime a marca de sua subjetividade em algo que se torna objeto. Dessa forma, aquilo que conhecemos conserva as marcas das garras apreensoras de nossa subjetividade (p.102), o que se manifesta fortemente nas representações sociais.

Considere-se ainda que o espaço e o tempo, ou seja, o contexto social em que estamos inseridos, são “lentes” por meio das quais percebemos as coisas conforme nossos crivos espaço-temporais; Kant tornou claro que qualquer observação de um fato já está subordinada a condições que são próprias do sujeito cognoscente (p.102-105).

Dessa forma podemos concluir que o tema “representações sociais” é terreno fértil que nos possibilita constatar a percepção de um grupo acerca de sua realidade, em dado momento, inseridos num contexto social específico, independentemente da corrente defendida pelo pesquisador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. *A abordagem estrutural das representações sociais*. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes (org.), OLIVEIRA, Denize Cristina (org). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 2000.

ARRUDA, Ângela. *Teoria das representações sociais e teorias do gênero*. *Cadernos de Pesquisa*. Campinas, SP, v.117, p.127-147, 2002.

AUSUBEL, D.P. *Educational Psychology: A Cognitive View*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.3

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- DURAN, Marília Claret Geraes. *Representações sociais de professores em formação sobre profissão docente*. IN: SOUSA, Clarilza P. de; PARDAL, Luís A; VILLAS BÓAS, Lúcia P. S. *Representações sociais sobre o trabalho docente*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2006. p.91-106.
- FRANCO, Maria L.P.B. *Análise do Conteúdo*. 1.ed. São Paulo: Editora Líber Livros, 2005.
- JODELET, D. *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- JOVCHELOVITCH, S. *Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais*. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) *Textos em representações sociais*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MAZZOTTI, Alda Judith Alves. *Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação*. Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- SÁ, Celso Pereira. *Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria*. SPINK, Mary Jane P. (org). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 15. ed., 2006.